

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA COMO ESTRATÉGIA FACILITADORA PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Deylla Nara Garcia Manjela¹

RESUMO

O presente artigo apresenta resultados parciais de uma investigação de viés etnográfico, que tem como foco aplicar estratégias de consciência fonológica verificando sua contribuição no processo de alfabetização de um sujeito colaborador que, aos 10 anos de idade, é repetente e apresenta dificuldades de escrita e leitura. E também na intenção de mostrar para os leitores dessa pesquisa a relevância de aplicar essa estratégia em sala de aula. O aluno colaborador dessa pesquisa está cursando o 3º ano do ciclo I do Ensino Fundamental em uma escola pública situada no município de Goiânia-GO. Foram aplicadas a ele algumas atividades de letramento e alfabetização juntamente com a consciência fonológica na produção de andaimes, pois é importante que os professores tenham consciência de formarem sujeitos pensantes, além de também trabalhos com figuras, processos silábicos e ideovisuais, ações responsivas, pistas, entre outras, visando o alcance do objetivo desta investigação, que vem a ser: responder por meio das micro análises qual o papel da consciência fonológica em seus processos de consciência silábica, consciência da palavra para o sucesso da leitura do aluno colaborador em questão e aos demais alunos que serão influenciados por aqueles professores que se interessarem por essa pesquisa. O artigo ainda está em andamento mais já apresenta alguns resultados no protocolo apresentado nele. O exercício de investigação está sendo realizado por uma acadêmica do curso *Lato Sensu* em Formação de Professores – Sociolinguística e Letramento como a sua primeira experiência etnográfica, de construção de protocolos e atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras chave: consciência fonológica, silábica, ideovisual, alfabetização.

Introdução

¹Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Acadêmica do curso *Lato Sensu* em Formação de Professores – Sociolinguística e Letramento da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) e cursando Pedagogia na Faculdade Antares (FAESPE). E-mail: deyllanara0@gmail.com

A consciência fonológica permite ao aluno analisar a língua oral de acordo com as sequências de sons que a compõem. Assim, a habilidade em analisar a fala explicitamente em seus componentes fonológicos é chamada de consciência fonológica. (GUEDES & GOMES, 2010)

O artigo procura mostrar a importância da consciência fonológica para o processo de alfabetização, apresentando resultados de uma pesquisa realizada em um colégio público de Goiânia/GO, situado na região sul, com um aluno do primeiro ciclo com dez anos de idade.

É importante salientar que, durante as nossas investigações, desenvolvemos diversas atividades contendo consciência silábica, ideovisual e fonêmica, uma vez que entendemos que o aluno quando compreende as sílabas, ouvindo, discriminados sons e tendo contato com palavras e letras, toma consciência que juntas formam algo a ser escrito. Assim poderão formar palavras para ler e escrever de uma forma mais natural. Portanto, esses processos dependem um do outro para obter um desempenho satisfatório.

Trabalhou-se também a aliteração, pois segundo pesquisas neuropsicológicas, quanto há repetição de algo se acelera a aquisição do vocabulário e do aprendizado, porém não apenas repetir para decorar e sim apreender, tomar consciência, compreender.

No período de observação constatou-se que o sujeito colaborador se encontrava em um nível de leitura e escrita inferior a seus colegas, o que se revelava então um problema urgente a ser resolvido, antes que se convertesse em fracasso escolar, pela possibilidade de retenção, exclusão social e futuramente um adulto semianalfabeto.

O que se percebe em muitas escolas é que profissionais não estão aptos para usar a consciência fonológica em sala de aula, pois não possuem em sua formação como os pedagogos, disciplinas específicas da fonologia, ou não procuram pesquisar para conhecer as estratégias fonológicas e não as usam em sala, como se observou na escola campo deste trabalho, na fase da pesquisa piloto.

Outro fator que foi considerado na presente pesquisa foi a questão psicológica; sendo o maior desafio a ser enfrentado, visto que problemas familiares incidem sobre a aprendizagem dos alunos em sala de aula e até mesmo durante a vida deles. Nosso sujeito colaborador, por exemplo, demonstrou-se inseguro e desatento.

Pretendemos neste artigo mostrar a importância que a consciência fonológica tem para um estudante em sua fase inicial, mesmo diante de diversos problemas ao redor, e o seu uso em sala de aula, auxiliando também os professores a entenderem a importância da consciência fonológica, considerando que somente com o curto prazo dessa pesquisa, não será possível sanar todas as dificuldades da aprendizagem da leitura e da escrita do sujeito colaborador.

O artigo apresenta-se em três seções. A primeira tratará da alfabetização e do letramento, de como eles podem ser trabalhados em sala de aula, juntos se completam, pois não queremos alunos sem capacidade de ter um senso crítico e ser perceber a importância de saber ler e escrever. Além disso, também aborda a Consciência

fonológica, seus conceitos e relações entre consciências fonológicas, silábicas e ideovisual, fazendo com que se perceba a importância destes no processo de aprendizagem da leitura e da escrita do aluno.

A terceira seção tratará do papel do professor como mediador nesse processo, a importância de saber utilizar a consciência fonológica em sala de aula, promover andaimos e sempre estar atento com as dificuldades dos alunos, bem como os conhecimentos prévios que os eles trazem.

Enfim, este artigo procura mostrar resultados do trabalho do pesquisador que utilizou estratégias de consciência fonológica para ajudar no processo de alfabetização de um sujeito colaborador, que, no terceiro ciclo do ensino fundamental, apresentava-se com alto nível de dificuldades de leitura e escrita. A pesquisa teve início em maio de 2012 e finalizará em junho de 2013. Portanto, os dados finais ainda não aparecem sistematizados neste artigo. Em função do curto espaço de tempo, desenvolvemos uma investigação de viés etnográfico, produzindo protocolos em que traçando registros, descrevemos ambientes e produzimos análise à luz das teorias que fundamentaram nossos estudos sobre o tema. Esses resultados parciais serão apresentados na sessão final intitulada: Análises dos dados e resultados. Concluimos o artigo com algumas considerações e referências.

1. Referencial teórico

1.1 Alfabetização, Letramento, Consciências fonológica, silábica e Ideovisual

Desde muito tempo a alfabetização está presente nas salas de aula, ensinando aos alunos com fórmulas prontas para que eles aprendam a ler e escrever por meio de processos mecânicos que se utilizam de regras (decifração), assim como Vicentin (2011) afirma. Ela ainda destaque a importância da consciência fonológica:

No processo de trabalho com alfabetização, o professor tem a tendência de destacar os aspectos gráficos, sem chamar a atenção para os aspectos sonoros ou de dar menor destaque aos sons que compõem o sistema alfabético (VICENTIN, 2011, p.11).

Tais regras eram, por exemplo, a do Bá-Bé-Bí-Bó-Bú. A alfabetização tem a sua importância na vida do aluno, porém além de alfabetizar, ensinando o estudante a identificar letras, seu nome, memorizar o alfabeto e combinar letras para formar sílabas até que sejam capazes de formar palavras (BIMONTI, 2008, p.16), o professor também deve utilizar em sala de aula o letramento, isto é, permitir que os educandos

tragam para a sala de aula o seu conhecimento de mundo fora da escola, fazendo com que a leitura e a escrita tenham sentido na vida de cada um deles. Vê-se então que é possível alfabetizar letrando, assim como diz Magda Soares:

Um ponto importante para letrar é saber que há distinção entre alfabetização e letramento, entre aprender o código e ter a habilidade de usá-lo. Ao mesmo tempo em que é fundamental entender que eles são indissociáveis e têm as suas especificidades, sem hierarquia ou cronologia: pode-se letrar antes de alfabetizar ou o contrário (DIÁRIO NA ESCOLA, SANTO ANDRÉ, 2003).

O letramento consiste em o professor se importar também com o conhecimento de mundo dos alunos, para que eles se sintam parte daquele conhecimento e que percebam a importância de determinado assunto no seu dia a dia. ‘Para um sujeito ser considerado letrado não é necessário que tenha frequentado a escola ou que saiba ler e escrever, basta que ele exercite a leitura de mundo no seu cotidiano (ROCHA, 2005, p.25)’. Tfouni (1988) faz a seguinte definição:

‘Enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade’ (Tfouni, 1988 *apud* Soares, 2002, p.3).

Os educandos não vão para a sala de aula como tábulas rasas, eles aprendem muito com a comunicação social, adquirindo conhecimentos ao longo do tempo e principalmente antes de entrar na escola, pois são questionadores e aprendem com os exemplos que vão presenciando com o convívio, principalmente dos pais. A escola possui o papel de mostrar para os alunos a importância de aprender a ler e escrever e fazer com que esse conhecimento tenha sentido em suas vidas. Dai alfabetizar letrando.

A consciência fonológica é o ato de a criança saber como se lê ou se escreve uma palavra através de seu som, ‘é uma habilidade definida como a capacidade para refletir sobre a estrutura sonora da fala bem como manipular seus componentes estruturais apresentando uma estreita relação com o aprendizado do código escrito’ (ZUANETTI, SCHNECK e MANFREDI, 2008, p.1).

Esta capacidade de consciência fonológica vem muito antes de os alunos entrarem na escola, aparece quando os cuidadores oferecem oportunidades de linguagem falada e escrita por meio de histórias contadas, incentivando a leitura de livros infantis, entre outros. Assim, ao chegar à escola, a função do

professor é fazer com que haja uma continuação desse processo, claro, sem deixar os pais isentos desse ensinamento.

Acredita-se que o aluno só será capaz de conhecer as palavras através da consciência fonológica, que ajudará na conscientização do alfabeto e assim formar sílabas e então palavras. Essa pesquisa por sua vez buscou afirmar mais uma vez essa importância. Para Ferreiro (2010), não é possível em um sistema alfabético de escrita, conceber que o aluno aprenda a ler e escrever sem compreender como funciona o princípio alfabético (CASTANHEIRA & MACHADO, 2010, p.3).

É fundamental não apresentar ao aluno somente os sons das letras isoladas, mas os sons que também fazem ao se juntarem com outras letras, tendo então a consciência fonêmica. ‘Os alunos, compreendendo que as sílabas são unidades compostas por fonemas e cada fonema é representado por um signo, às letras, sentir-se-ão competentes para criarem a partir da construção da consciência silábica ’ (CASTANHEIRA & MACHADO, 2010, p.8).

A consciência silábica é quando o aluno percebe que duas ou mais letras se juntam e formam sílabas. Os professores geralmente utilizam as palmas junto com as crianças para escandir as sílabas.

Nas atividades de análise das palavras em unidades menores, sílabas, uma estratégia eficaz é solicitar que os alunos batam palmas escandindo as sílabas. Podem iniciar com seus próprios nomes, sussurrando e repetindo apenas com os lábios. As atividades devem ser ampliadas progressivamente, de acordo com a capacidade deles de analisar palavras em sílabas, utilizando-se de palavras diferentes, mas conhecidas e familiares para eles (CASTANHEIRA & MACHADO, 2010, p. 8).

Quando o aluno perceber que as letras se juntam e formam sílabas, ele terá maior facilidade de escrever as palavras e perceber que outras palavras podem possuir sílabas iguais ou até mesmo formar outras, mas as letras são sempre as mesmas. O educando também, à medida que o professor repete, perceberá que os sons das letras podem mudar quando estas se juntam com outras. Deve se, além disso, utilizar em sala de aula o método de escrita no quadro para mostrar os desenhos das palavras, entrando assim na concepção ideovisual.

A concepção ideovisual está presente quando a aprendizagem se dá pela identificação visual da palavra, ajudando os alunos a identificar palavras pelos desenhos das letras.

Alguns pesquisadores afirmam que as técnicas ideovisuais se contrapõem a consciência fonêmica, pelo fato de que aquela é mais memorização do que aprendizagem (BIMONTI, 2008, p.17). O que nos faz

perceber que ambas precisam ser trabalhadas juntas, pois somente com a ideovisual o aluno não conseguiria decifrar todas as palavras, seria um processo muito doloroso a ele.

1.2 O papel do professor

O professor tem que ter em mente que os alunos não chegam à escola sem nenhum conhecimento. Estão sempre atentos com o mundo a sua volta, aprendendo tudo que ouve e vê. Seu conhecimento de mundo é inumerado, e o educador deve utilizar desse conhecimento para a melhor aprendizagem em sala de aula. Uma vez que o educando esteja familiarizado com que o professor diz, a interação com que está sendo ensinado e a vontade de aprender serão bem maiores. O professor trabalhará assim a sociolinguística em sala de aula, levando em conta o meio social em que o aluno convive e a relação dele com o meio.

Torna-se fundamental que o educador tenha uma noção da importância da linguagem e a sua relação nesse processo de humanização e, ao mesmo tempo, tenha maior ciência do papel da linguagem na constituição do sujeito, enquanto processos diferentes, mas indissociáveis: um não ocorre sem o desenvolvimento do outro. Ou, melhor, o uso da linguagem é uma característica peculiar do animal ser humano; ao mesmo tempo, ela exerce também a função de mediar a relação do homem com toda a realidade que cerca – a relação com o meio, com os objetos, com as pessoas e consigo próprio (VICENTIN, 2011, p.7).

A alfabetização é fundamental para todos, mas ela não poder ser baseada somente nos livros didáticos e nas maçantes lições que alguns deles apresentam não que aquela não tenha a sua importância, mas o professor deve ir sempre além, sendo criativo, buscando fazer com que os alunos fiquem sempre atentos. Por isso, ele deve trabalhar com o letramento, observando os gostos e as atitudes dos alunos, além de estar buscando estar sempre em contato com o mundo que o educando vive fora da escola. Alfabetizar letrando é o melhor caminho para o sucesso da aprendizagem.

Há várias concepções que o professor pode utilizar em sala de aula, como as consciências fonológicas, silábicas e a ideovisual. Ele deve sempre ler e se aprimorar, estudando maneiras que melhor encaixe aos seus alunos. Não se quer alunos que saibam escrever o nome por tê-lo decorado, e sim educandos que saibam a importância de escrever o nome e de como isso é um dos aprendizados importantes para a sociedade em que vivemos.

A consciência fonológica é importante no processo de alfabetização dos alunos, é certo que nos cursos de alfabetização, os professores não aprendem utilizar a consciência fonológica, mas hoje há muitos estudos sobre essa consciência, sendo assim os professores já possuem maneiras de se aprimorares.

No sistema alfabético de escrita da língua portuguesa, os componentes sonoros das palavras são representados por letras ou pequenos grupos de letras, e não se configuram como uma representação linear da fala, tornando-se um sistema complexo para a criança dominar. Então o professor precisa estar preparado, além dos conhecimentos técnicos lingüísticos básicos, das atividades que lhe possibilitarão desenvolver a habilidade de consciência fonológica, além das habilidades básicas de leitura e de escrita (VICENTIN, 2011, p.12).

Esta consciência fonológica permite que os alunos consigam escrever as palavras a partir do seu som, isso faz com que aprender a ler e escrever se torne natural, e ele não precisa ficar decorando regras.

É de suma importância que o professor busque sempre fazer andaimes, auxiliando os alunos a perceberem os sons das letras, sem dar as respostas a eles. Convém que ele faça uma espécie de monitoramento, para que os alunos distingam com segurança letra de som.

Na tradição do discurso de sala de aula, os andaimes são associados às iniciações de um evento de um evento de fala pelo professor e as suas avaliações das respostas dos alunos. Uma característica básica do processo de andaimes é o estabelecimento de uma atmosfera positiva entre professor e alunos, por meio de ações simples, como a de se ouvirem e se ratificarem mutuamente' (BORTONI-RICARDO, 2011, p.44 *apud*. PAULO FREIRE).

Esse processo de desenvolvimento da criança não depende somente do professor, ele sozinho não consegue sanar todas as dificuldades dos alunos. Ressalta-se que, embora seja um processo lento e gradual, a família também tem papel importante na continuação dessa aprendizagem em casa; mesmo que talvez os pais sejam pessoas sem estudo, eles podem conversar com os professores e buscar maneiras de ajudar no processo do ensino-aprendizagem dos filhos. A aprendizagem moral também deve ser levada em conta, pois um aluno indisciplinado é mais difícil de ser ajudado em sala de aula, se os pais não podem auxiliá-lo nos deveres de casa. Eles podem estar sempre atentos na educação moral dentro de casa, que vai ser continuada em sala de aula.

A escola também deve buscar meios de fazer com que o conhecimento da criança multiplique, como visitas em planetário, museus e etc. Se todos trabalharem juntos o progresso vai ser maior e o trabalho com a consciência fonológica vai ser cada vez mais rico.

Protocolo

Protocolo descreve e analisa um episódio em que foi desenvolvida uma atividade com foco na consciência fonológica. Este protocolo serve para descrever, identificar e analisar qual o papel da consciência fonológica na alfabetização. O sujeito colaborador em questão tem dez anos, repetente, cursa o 3º ano do ciclo I do Ensino Fundamental, possui dificuldades de leitura e escrita.

A descrição do Protocolo serviu para identificar sequências de eventos bem sucedidos que desencadearam a construção da aprendizagem a partir do emprego de estratégias de consciência fonológica.

A atividade foi realizada no pátio da escola, local não favorável, pois havia muito barulho, que tirava a atenção do sujeito colaborador, além do vento que estava forte no dia.

Segundo o PPP (Projeto Político Pedagógico), a escola precisa adequar o seu ambiente, melhorar o espaço físico, para que os alunos tenham uma melhor qualidade de aprendizado.

Para a leitura do protocolo emprega-se a seguinte legenda:

(P) Professor Pesquisador

(SC) Sujeito Colaborador – Aluno

[] Entre colchetes, descrição

Em negrito – Comentário Analítico

1. **(P)** Vamos fazer assim, o primeiro jogo que a gente vai fazer é o seguinte, aqui em cima, se o vento não levar minhas figuras.

A (P) faz um pequeno comentário com o intuito de interagir emocionalmente com que o (SC). Os aspectos afetivos colaboram com os aspectos cognitivos.

2. **(P)** Tem várias figuras. Tá vendo? [A professora aponta para as figuras e pede SC que oralmente ela dê o nome das palavras. A (P) escolheu figuras que estão presentes no cotidiano do SC que percebeu ao longo da pesquisa].

Nesta atividade, a (P) escolheu figuras que estão no cotidiano do educando, que ela observou durante as pesquisas de campo, fazendo com que o

letramento se mantenha presente. É interessante que os professores fiquem atentos ao conhecimento de mundo que os alunos têm fora de sala, para fazer com que o ensinamento em sala de aula tenha algum sentido. ‘o letramento está ligado ao enfoque da língua escrita como meio de expressão e compreensão da realidade pelo sujeito e pelo meio social (VICENTIN, 2011, p. 11 *apud* SOARES).

3. **(P)** Então o que você vai fazer pra mim, você vai pegar uma figura, vai falar a palavra dela, mas a última palavra, você vai falar cantando.

A (P) aplica uma estratégia de consciência silábica, ela quer que o (SC) perceba que quando cantar as últimas letras perceba que há dois sons que vão compor uma sílaba. Promove um andaime, utilizando o nome dele solicitando que ele fale qual som que escuta.

[O (SC) escolhe uma figura de uma bolsa e a (P) pede para ele novamente cantar a última sílaba, ela então bate palmas a fim de que o (SC) perceba a quantidade de sílabas e as fale].

Nos turnos 3 e 4 há construção de consciência silábica. A (P) tem o intuito de que (SC) perceba que algumas letras ao se juntarem formam sílabas. E para que isso seja mais perceptível, ela emprega uma estratégia de CF, ela bate palmas, escandindo as sílabas, mostrando que cada palma é uma sílaba. Há nesse turno um processo de desconstrução de consciência silábica.

4. Bol-sa. Qual a última sílaba?
5. **(SC)** B [SC fala a letra que é melhor ouvida por ela].
6. **(P)** Não, olha, Bol [a (P) faz o número um com o dedo para que SC perceba que cada palma se conta um], ‘as’.

No turno (6) a (P) percebe que o (SC) não entendeu que as palmas significam as sílabas, ela opta então por outra estratégia, contando com os dedos os números de palmas. Percebe-se aqui há utilização de andaimes,

pois a (P) auxilia (SC) sem dar a resposta para ela. ‘É importante ressaltar que os andaimes, significam ações bem planejadas de ensino pelas quais se investe em um máximo de assistências para que o aluno aprenda’ (CASTANHEIRA, 2007, p. 90).

7. (SC) Responde: C.

8. (P) [Sa] não é?

A aluna balança a cabeça positivamente, a (P) percebeu aqui que ela não respondeu corretamente, mas ao invés de falar não antecipa a resposta, pois nesse caso o ‘sa’ tem som de ‘ç’, ela pergunta novamente a (SC) se a última sílaba é ‘sa’, ela afirma positivamente.

9. (P) Canta o ‘sa’.

10. (SC) Bol-sa.

11. (P) Bol-saaa, canta.

12. (SC) Bol-saaa.

A (P) promove andaimes para o (SC) participarda atividade, cantando a última sílaba, para que ele perceba o som das letras, que ao serem cantadas, seus sons são percebidos com mais facilidade.

13. (P) Isso. E ai, como escreve?

14. (SC) Com ‘c’.

15. (P) Com ‘c’, será?

A (P) quer nesse evento procura fazer com que o (SC) perceba se o [c] encaixa nessa palavra, ela não tem a intenção de dar respostas prontas a ele e sim mostrar que ele é capaz de acertar.

16. (SC) E o ‘a’.

17. (P) Tem som de ‘c’ não é verdade? Isso, você escuta o ‘a’. Tem som de ‘ç’, é melhor né? [SC balança a cabeça positivamente].

A (P) mostra para (SC) que apesar do som ser parecido, a palavra em questão se escreve com ‘s’, essa confusão é natural, até alguns adultos a cometem. Só com práticas de escrita e leitura que essas dúvidas serão sanadas. . “A leitura frequente ajuda a criar familiaridade com o mundo da escrita. A proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, facilita a alfabetização e ajuda em todas as disciplinas” (site EDUCAR PARA CRESCER).

18. Mas vamos ouvir aqui, bolsa, o ‘c’ que você falou, ia ficar, ‘bolca’, ‘bolca’ não, ‘bolsa’, [o (SC) para um pouco para pensar], qual outra palavrinha, uma que você sempre escuta, tenho certeza [a (P) pronuncia a palavra **sapo** ‘sssaaapo’, comparando com o final de ‘bolssaaa’. de modo a fazer com que (SC) perceba que o som é parecido, produzindo assim andaimes].

Análise: É importante que a (P) faça andaimes com o intuito de que os alunos aprendam a pensar por si mesmos e a se desenvolverem cognitivamente.

Quando a (P) dá respostas prontas e não oferece andaimes, os alunos passam de ano sem terem aprendido, ‘os andaimes são associados às iniciações de um evento de fala pelo professor e as suas avaliações das respostas dos alunos’ (BORTONI *apud* FREIRE, 1996, p. 44).

19. (SC) S.

20. (P) Tá vendo que é o mesmo som? Som de ‘s’. E qual é a outra letrinha que você falou?

21. (SC) O ‘a’.

No turno (21) o (SC) teve a noção de que é a letra ‘a’ pelo seu som, houve uma consciência fonológica.

22. (P) Isso, bolsa, qual é a sílaba então?

23. (SC) O 'c'.

24. (P) O 'c'??

[a (P) não reprova ao (SC) nesse momento, promove uma ação responsiva retificadora, brinca com ela, pergunta com risos se é mesmo o 'c'].

O mais importante ao ensinar um aluno é fazer com que ele aprenda e para isso não se precisa reprová-lo de maneira grosseira quando erra. O erro é natural nesse processo de aprendizagem. Nesse caso, o (SC) se distraiu, a (P) podia ter chamado a atenção quanto a se concentrar na atividade, mas ela não pode exigir isso do SC, pelo fato de estarem em um ambiente de estudo cheio de distrações. Além disso, o histórico do SC é delicado, vê-se que em algum lugar ele é reprovado pelos seus erros, ou cobrado por ter que aprender logo, visto a idade que possui, isso foi percebido pelo seu pensamento de incapacidade.

25. (SC) O 's'.

26. (P) O 's' e o?

27. (SC) 'A'.

28. (P) Então o 's' e o 'a' fica?

29. (SC) 'Sa'.

30. (P) Bolsa, beleza? [o sujeito balança a cabeça positivamente]. E a primeira letrinha, você sabe qual que é? 'BBBoolllsa.'

31. (SC) 'B'?

32. (P) Isso. E depois? 'Booolsa.'

33. (SC) 'B'?

34. (P) 'B', e junto com o 'B' vem a vogal?

35. (SC) O 'B', o...

36. (P) Pode pensar. Não precisa responder rápido não.

37. (SC) 'A'.

38. (P) Vamos vê, se parece com o 'o', olha, 'boolsa.'

Dos turnos(25 ao 38) a (P) abre caminho novamente, para que o (SC) busque pensar para dar a resposta, não mostra a ele à resposta, promovendo andaimes (ajudando a aula a pensar, oferecendo pistas).

39. (SC) 'O'.

40. (P) Agora a língua lá no céu da boca.

41. (SC) O 's'

42. (P) O 'l', opa, o que, que você falou? Achei que tinha escutado 'l'. Tem o 's' sim, mas antes do 's' tem o 'bollsa', tem som de 'u' né? Mas é com 'l'. Combinado?

O (SC) tem muita dificuldade na escrita, mais do que na fala, que é natural, pois nós aprendemos primeiro a falar, o que não é comum é um aluno de 10 anos ainda ter essa dificuldade, a (P) então, escreve para ela e vai mostrando os desenhos das letras, praticando aqui uma atividade ideovisual além de silábica.

43. Então vamos escrever? Me empresta o seu lápis? Você falou que a primeira letra é o quê?

A concepção ideovisual também tem o seu papel importante, ela não pode ser usada sozinha, pois não se quer que o aluno decore a imagem das letras e comece a escrever. 'Essencialmente, ela pressupõe que a aprendizagem se dá pela identificação visual da palavra. O contexto é considerado essencial

para ajudar os alunos a identificar a palavra a partir de sua forma visual' (BIMONTI, 2008, p.16).

44. (SC) 'B'.

45. (P) Isso, e depois?

46. (SC) O 'A'.

47. (P) O 'A'? Olha aqui pra mim, boolsa. Você fala, olha aqui...a, e, i, o, u [a professora mostra a abertura da boca]...'boolsa.'

No turno 46 a (P) recorda com SC as vogais e os sons que eles emitem através da abertura da boca. Ajudando o SC perceber que errou e que é outra vogal.

48. (SC) O 'u'.

49. (P) Balsa? [risos]

A (P) percebe que o (SC) está arriscando as letras, por isso a (P) mostra a ele como ficaria o som dessas letras, fazendo perceber os sons diferentes.

50. (SC) O 'o'.

51. (P) O 'o', olha aqui [a professora escreve na folha], fica 'bo'. 'Bolsa.'

52. (SC) 'L'.

53. (P) É com 'l'. Apesar de o som ser 'u', não é? Às vezes confunde. E agora, o que, que eu faço?

A (P) repete o que foi dito ao (SC) em eventos anteriores para que ela não se esqueça, de que apesar de terem certos sons, as palavras podem ser escritas de uma outra maneira.

54. (SC) Não sei.

55. (P) Só leitura, você lê muito?

A (P) tenta motivar o (SC) a ler, visto que a maioria das palavras que sabemos escrever não é por causa das regrinhas, que às vezes nem sabemos, e sim por repeti-las muito, e a leitura é uma forma de fazer com que isso aconteça.

56. (SC) Não.

57. (P) Não? Eu não acredito que você tá falando isso pra mim. Trata de lê.

58. (SC) Eu não sei lê.

59. (P) Claro que sabe, ...[risos]. Você só vai aprender a ler, lendo, sabia? Uma dica. Então vamos lá, ‘booolsaa’, e agora?

60. (SC) O ‘s’.

61. (P) O ‘s’ de ‘sapo’ né? ‘Bolsaaa’

A (P) sempre busca repetir o que foi aprendido no início da atividade para que o (SC) não perca nenhum aprendizado.

62. (SC) ‘A’.

63. (P) Isso, olha aqui. Viu como escreve?

No turno (62) a (P) utiliza novamente da concepção ideovisual, como (SC) tem dificuldade de escrita, ela optar por escrever, mostrando o desenho das letras.

64. (SC) Sim.

65. (P) Alguma dúvida de som?

66. (SC) Não.

Conclusão

Os resultados desta pesquisa nos mostra que a consciência fonológica bem utilizada em sala de aula e aprimorada pelo professor, pode sim contribuir com o desenvolvimento da alfabetização dos alunos.

Vimos no protocolo acima o bom desenvolvimento do (SC), contudo devemos considerar que esse aprendizado não ocorre rapidamente, é um processo, com o tempo o (SC) vai se aprimorando. Fica evidente que caminhou na construção de sua aprendizagem, evoluiu em direção ao princípio alfabético, percebeu os sons das letras e suas relações com a palavra escrita.

Também a pesquisadora cresceu enquanto acadêmica e professora, compreendeu a importância de promover diversos andames de natureza fonológica que contribuem para auxiliar os alunos a perceberem o som, identificar quais letras usar e descobrir quais letras deve usar para escrever determinadas sílabas e como escreve certas palavras.

Referencias

ADAMS, Marilyn Jager (org.). **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BIMONTI, Rafaela De Paula. **A importância da consciência fonológica Na educação infantil**. São Paulo, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor Pesquisador**. São Paulo: Parábola, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

CASTANHEIRA, Salete Flores. **Estudo Etnográfico das Contribuições da Sociolinguística à Introdução ao Letramento Científico no Início da Escolarização**. Brasília, 2007.

CASTANHEIRA, Salete Flores; MACHADO, Veruska Ribeiro. **Consciência fonológica e formação de professores**. Goiânia, 2010.

GOMES, Christna Abreu; GUEDES, Mariana Chaves Ruiz. **Consciência fonológica em períodos pré e pós-alfabetização**. Fluminense, 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, 1997.

VICENTIN, Ivana Suski. **A importância do desenvolvimento da consciência fonológica no trabalho do professor alfabetizador**. Paraná, 2011.

MANFREDI, Alessandra Kerli da Silva; SCHNECK, Andréa Pires Corrêa; ZUANETTI, Patrícia Aparecida. **Consciência fonológica E desempenho escolar**. São Paulo, 2008.

DIÁRIO NA ESCOLA. **O que é letramento?** Disponível em http://www.nre.seed.pr.gov.br/toledo/arquivos/File/o_que_letramento.pdf. Visto em 14/06/2013.

